

A INTERPRETAÇÃO DO CENÁRIO MUNDIAL NO SÉCULO XXIRosi Méri Bukowitz Jankauskas¹Wendell Teles de Lima²Ana Maria Libório de Oliveira³

Resumo: Observamos que existe uma ampliação do organismo nascido na Segunda Guerra Mundial sendo a OTAN, que sua ampliação atinge diretamente as áreas de influência russa. Com isso não podemos descartar a Rússia como potência geopolítica do mundo, apesar de seu enfraquecimento econômico é ainda um poder militar bélico no mundo, que ainda tem um poder no mundo de organizar o mesmo ao seu favor. Nossa metodologia foi baseada numa pesquisa bibliográfica sobre o assunto, com artigos de revistas indexadas e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, sendo assim, para compreender a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, devemos entender que a Rússia continua sendo um dos atores geopolíticos neste século.

Palavras-chave: Poder, Mundo, Geopolítica.

THE INTERPRETATION OF THE WORLD SCENARIO IN THE 21ST CENTURY

Abstract: We observe that there is an expansion of the organism born in the Second World War being NATO, that its expansion directly affects the areas of Russian influence. With that, we cannot discard Russia as a geopolitical power in the world, despite its economic weakening, it is still a military power in the world, which still has the power to organize the world in its favor. Our methodology was based on a bibliographical research on the subject, with articles from indexed magazines and academic works on the subject, therefore, to understand the war between Ukraine and Russia, we must understand that Russia remains one of the geopolitical actors in this century.

Keywords: Power, World, Geopolitics.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista, que no século XXI nos deparamos com a guerra da Ucrânia que afeta todo o mundo, esse conflito é fruto da denominada Guerra Fria, onde o mundo era dividido, com início em 1940, entre as superpotências, que tinham aliados a seu favor na sua ideologia geográfica.

Trata-se não apenas de uma guerra de dimensões maiores em termos de mobilização militar e de implicações humanitárias em se tratando de refugiados, relativamente ao tempo decorrido de conflito até então. Na realidade, dada a centralidade geopolítica da Ucrânia para a Rússia e para a OTAN, bem como a possibilidade de um transbordamento das hostilidades – no presente ou em futuro próximo – para outras regiões do continente europeu,

¹ Doutoranda em ciências da educação, professora da UEA- CSTB

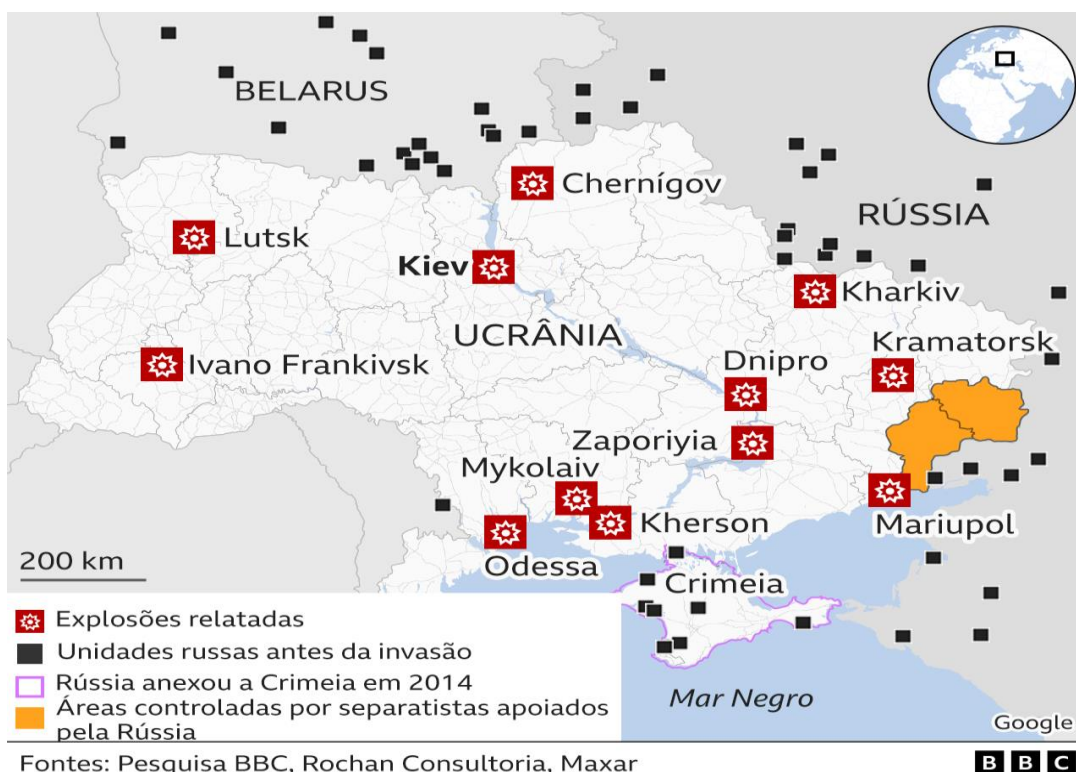
² Pós-doutor em geografia, professor da UEA.

³ Doutora em ciências da educação, mestra em estudos amazônicos, docente de matemática do Instituto Federal de Brasília – campus estrutural. membro dos grupos de pesquisa NEPECS/IFG E GPEG/UEA.

especialmente para membros da aliança militar norte-americana, a guerra na Ucrânia constitui-se potencialmente como um dos casos raros daquilo que William Sewell Jr. denominou de “eventos estruturais” (2006, cap. 8), ou seja, eventos que têm poder de transformar estruturas de longo prazo no sistema internacional, funcionando como gatilhos para mudanças latentes. (LOUREIRO, 2022, p. 2).

As consequências da guerra da Ucrânia é um reflexo da Segunda Guerra Mundial, refletindo na disputa ente ocidente e oriente com seu domínio pelas potências econômicas como visto na citação acima.

Na Figura 1, olhamos os pontos do território ucraniano, que demonstra a busca da ocupação desse país, ofensiva da Rússia na Ucrânia. Esse país tenta se aproximar do Ocidente e se distanciar do ex bloco, soviético, agora guiado pela Rússia, que tem como país a liderança da extinta da ex União Soviética. A Rússia tende a ser a maior representante do império soviético. Sendo assim, esse país tenta manter inúmeros países da ex União Soviética.



Fontes: Pesquisa BBC, Rochan Consultoria, Maxar

Figura 1 - Mapa da Ucrânia

Fonte: Pesquisa BBC, Rochan Consultoria, Maxar

Olhamos que a ofensiva russa no território ucraniano que demonstra o contra-ataque para obter o domínio deste território e, que apresenta no século XXI a existência de um misto de ações de guerras entre os países.

Quando emergem fatores civilizatórios no cenário internacional, as idiosincrasias e culturas políticas dos diversos países se tornam essenciais para que seus cidadãos possam entender ou não os acontecimentos. Se os atentados de 11 de setembro nos EUA não foram ainda suficientes para que a maioria da população dos países ocidentais (para não falar da população dos países não ocidentais) acordasse do doce sono de uma política pensada a partir das “boas intenções”, isto é já em si mesmo um fato importante a ser levado em conta. Embora, em seu momento, foram muitas as críticas à hipótese do “fim da história” enunciada por Fukuyama (1992), a mesma tinha sabido captar o espírito de época, vivido no fim do século XX nas sociedades ocidentais (especialmente nas mais avançadas). Os suportes da hipótese eram fracos (basicamente, ela se justificava na queda do comunismo soviético e no crescimento global do capitalismo). Mas ela estava ancorada fortemente no imaginário iluminista ocidental, o qual fez que até os inconformados com o pró-capitalismo do suposto modelo de “fim da história”, acabaram acomodando seus corpos e almas a essa imagem fetichista, na qual a paz e o progresso material apareciam garantidos num futuro sem sofrimentos nem surpresas. Uma consequência dessa miragem do “fim da história” é que ela tende a anular o papel protagônico dos Estados, substituindo-os pelos previsíveis desempenhos dos atores da sociedade civil e da economia. Esta “privatização” da política implica a supressão da guerra, fazendo que a política perca densidade ontológica e sua tradicional perspectiva histórica. Em efeito, o espectro de teorias que “universalizam” às diversas manifestações da sociedade civil (teorias que privilegiam sobretudo ao cosmopolitismo e também ao multiculturalismo) (LEIS; SUAREZ, 2005, p. 10).

Países que fazem parte da aliança do Atlântico Norte (OTAN), esse tipo de aliança surge na segunda guerra mundial, em plena guerra fria, e neste século é ressuscitada com a guerra da Ucrânia, aumentando o número de membros, como vemos na Figura 02, com adesão dos países nórdicos, depois da Suécia e Finlândia e Polônia, aumentando o cerco contra a Rússia.

A análise desse período de transição é extremamente relevante na atualidade tendo em vista o grande número de operações realizadas pela organização no mundo (BERTAZZO, 2010, p.105) e a recente utilização da OTAN para intervir militarmente no conflito civil na Líbia. Propomos fazer essa análise a partir de uma visão construtivista, tendo como base o trabalho de Ernst Haas (1990) sobre mudanças nas Organizações Internacionais. Isso permite ir além do tradicional debate entre realistas ou institucionalistas e da lógica racionalista instrumental, de acordo com a qual interesses e identidades são pré-determinados (HERZ; HOFFMANN, 2004, p.73-74, *apud* PINHEIRO;

ROMEIRO; FRANCE; ALVES; DE OLIVEIRA; DOS SANTOS, 2012, p. 66).

Verificamos na Figura 2 que a constituição da OTAN e sua formação neste século ampliou de tamanho, para demonstrar sua força contra o poderio russo.

Forças de Moscou estão em áreas de fronteira desde o ano passado, contando com novos destacamentos temporários, enquanto a aliança tem presença militar em nações próximas às divisas russas.

A OTAN

- 30 países-membros
- Candidatos à adesão
- Anexado pela Rússia

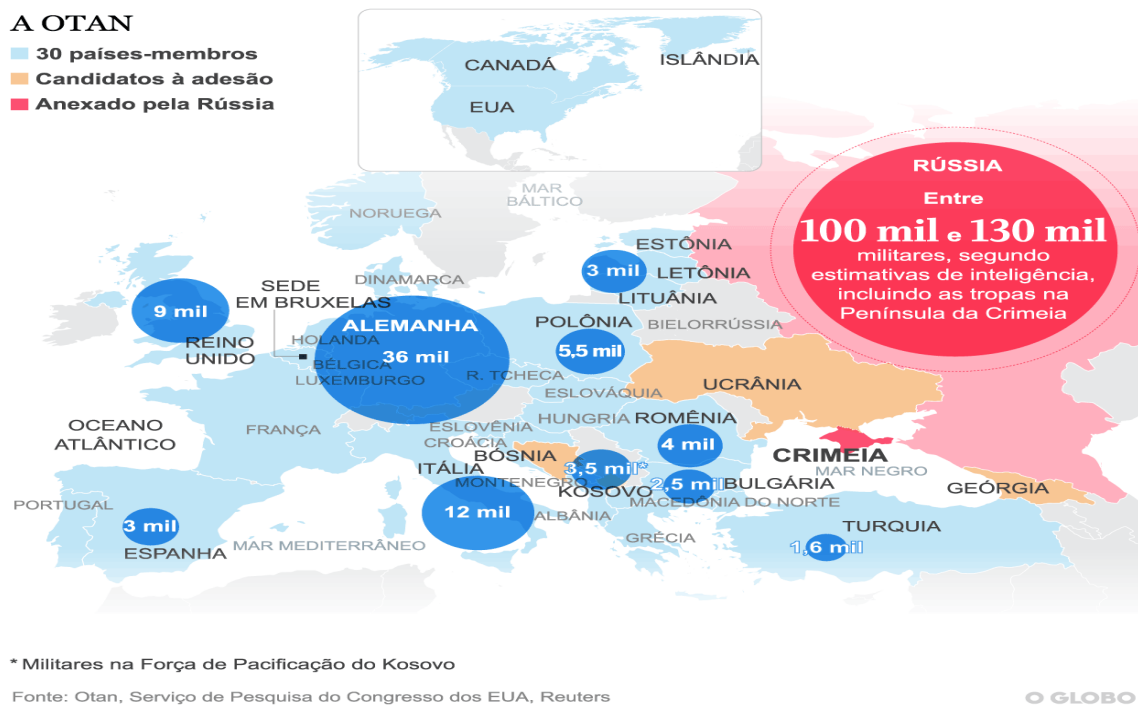


Figura 2 - Países Que Formam A Otan
Fonte: O Globo (2022)

Podemos notar, que no século atual a OTAN aumentou seu número de membros em sua composição. Neste sentido, para não se perder o posto de potência oriental, a Rússia com passar do tempo cria uma ideologia geográfica para identificar os demais países, e diferenciar dos demais países do mundo, com o eurasianismo.

Logo após a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), em 1991, criou-se um pensamento entre os dirigentes do Ocidente, de que a Rússia, paulatinamente, abraçaria a democracia liberal semelhante ao modelo adotado pelos Estados Unidos da América (EUA) e tornar-se-ia um parceiro econômico e político. Daquele fato histórico até a atualidade, algumas divergências foram mostrando de que a crença na parceria russa não

aconteceria de forma tão natural. A crise na Ucrânia, deflagrada em novembro de 2013 e tendo como o desfecho a anexação da península da Crimeia à Federação Russa em março de 2014, diminuiu ainda mais qualquer tipo de esperança. (BARROS, 2014, p. 6).

Um dos requisitos para ser um país influente no mundo, cria-se uma ideologia geográfica, como foi o caso da Venezuela com o presidente Hugo Chavez, com o bolivarianismo. Nesse sentido:

A teoria geopolítica define de forma coerente a inserção global das nações do Hemisfério Sul, destacando as características da geografia regional hemisférica e os movimentos da política externa de seus polos mais proeminentes. O meridionalismo reivindica ainda uma redistribuição do poder mundial em favor dos povos do Sul, preconizando a necessidade de superação dos obstáculos geográficos ao desenvolvimento hemisférico que se manifesta no atraso do nível de desenvolvimento das tecnologias tropicais, no maior custo dos fretes marítimos decorrentes das maiores distâncias geográficas entre as nações do hemisfério, na falta de integração nacional e regional das infraestruturas de transportes, energia e comunicações. Em contrapartida, o meridionalismo procura incentivar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento de tecnologias mais adequadas às condições climáticas locais (calor, umidade, maresia) e de custos intermediários, de forma a atender a mercados hoje não plenamente atendidos pelas multinacionais do Hemisfério Norte, caso dos setores agrícola, automotivo, químico farmacêutico, eletroeletrônico, etc. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 6).

Além de possuírem as forças armadas fortes, os países que querem ser protagonistas na arena mundial, devem ter as forças armadas fortes de atuação global e uma ideologia geográfica convincente que agrega inúmeros países.

As ideologias constitui-se em uma visão de mundo que através do discurso lacunar, unifica pensamento, linguagem e ação, instituindo uma retórica prescritiva também em relação ao comportamento do sujeito (Chauí, 2003). Intrinsecamente relacionadas com o meio em que é concebida, a ideologia compreendida como força histórica, mesmo que ilusão, recupera a unidade entre pensamento e ação (MORAES, 1988, p. 40, *apud* MORAES, 2014, p. 2).

Portanto, o papel das ideologias geográficas são fundamentais para a pretensão de um país que pretende ser líder mundial.

Como observamos, as ideologias geográficas se baseiam nas características territoriais de estado nacional, como foi o caso brasileiro, que tem como meta de justificação e preocupação, a coesão do território brasileiro desde sua origem.

A expectativa de regiões periféricas alavanca o seu desenvolvimento a partir de grandes investimentos exógenos, fundamentalmente, apoiados em recursos naturais, é uma realidade no Brasil. Entretanto, por maior que seja o otimismo em relação a essas iniciativas, o processo de inserção de trabalhadores e empresas locais tem sido um problema, já que parte importante da riqueza movimentada nesses espaços não tem beneficiado as populações residentes. (DOS SANTOS; DE AZEVEDO; RIBEIRO, 2015, p. 15).

Como constatamos em grandes espaços territoriais, existe uma produção de periferias, que o estado nacional, tem a preocupação diferente do capital, em investir nessas áreas pouco atrativas, tornando um espaço solidário, pois

Mais de 70% das cidades da Amazônia são pequenas em número populacional e em área urbana, possuem vida comercial amparada fortemente no circuito inferior da economia, e o emprego formal predominante no setor público e transitando entre atividades laborais primárias e terciárias, na busca de geração de renda (SANTOS, 2008; COSTA *et al.*, 2012; MONTOIA, 2018, *apud* MONTOIA; DA COSTA, 2020, p. 559).

Constatamos que as pequenas cidades na Amazônia são partes constituintes da vida urbana brasileira, sendo assim, o Estado Nacional deve investir com as demandas sociais, com políticas públicas que devem priorizar as populações presentes nestes locais.

Tendo em vista grandes espaços territoriais, temos a Rússia com sua diversidade territorial, tanto do ponto de vista fisiográfico e humano, com inúmeras etnias ao longo do seu território, como visto na Figura 03.



Figura 3 - Mapa Político da Rússia
Fonte: Guitarrara (2021)

Tentando ser um dos países mais importantes do mundo, a Rússia ainda é dos atores importantes mundialmente, em função do seu poderio militar, comparado aos demais países, destacando-se como um dos países com força política no oriente.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, onde Estados Unidos e União Soviética saíram como os grandes vencedores, as diferenças acerca da visão política e econômica encaminharam o mundo para presenciar a disputa entre os dois países pelo poder e pela influência nas mais diversas regiões do globo. A Guerra Fria tratou-se de uma competição entre polos distintos de poder, um capitalista e outro socialista, liderados respectivamente pelos Estados Unidos e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que embora não tenham resultado em um embate direto entre as duas potências, incitaram violentas guerras proxy locais. (DA ROSA, 2022, p. 2).

Neste sentido a construção e hegemonia russa, foi com o tempo se formatando como império do Oriente, diferente da China que tem uma extensão considerável, apesar de agora ser a segunda economia do globo, a Rússia é uma potência bélica e política no mundo, com suas forças armadas.

Uma das questões que vemos no mundo atual é que a China encontra-se como o segundo poder econômico do mundo. No entanto, ainda não consegue superar o poderio russo, que consegue empatar com poderio norte-americano. Colocando o país como um forte representante, dentro da arena geopolítica internacional. De forma, fortalecendo o país, no sentido de ser um dos representantes mundiais, apesar do enfraquecimento econômico, diante

das demais economias do mundo. A Figura 4 apresenta a colocação dos países do mundo com a força bélica no mundo.

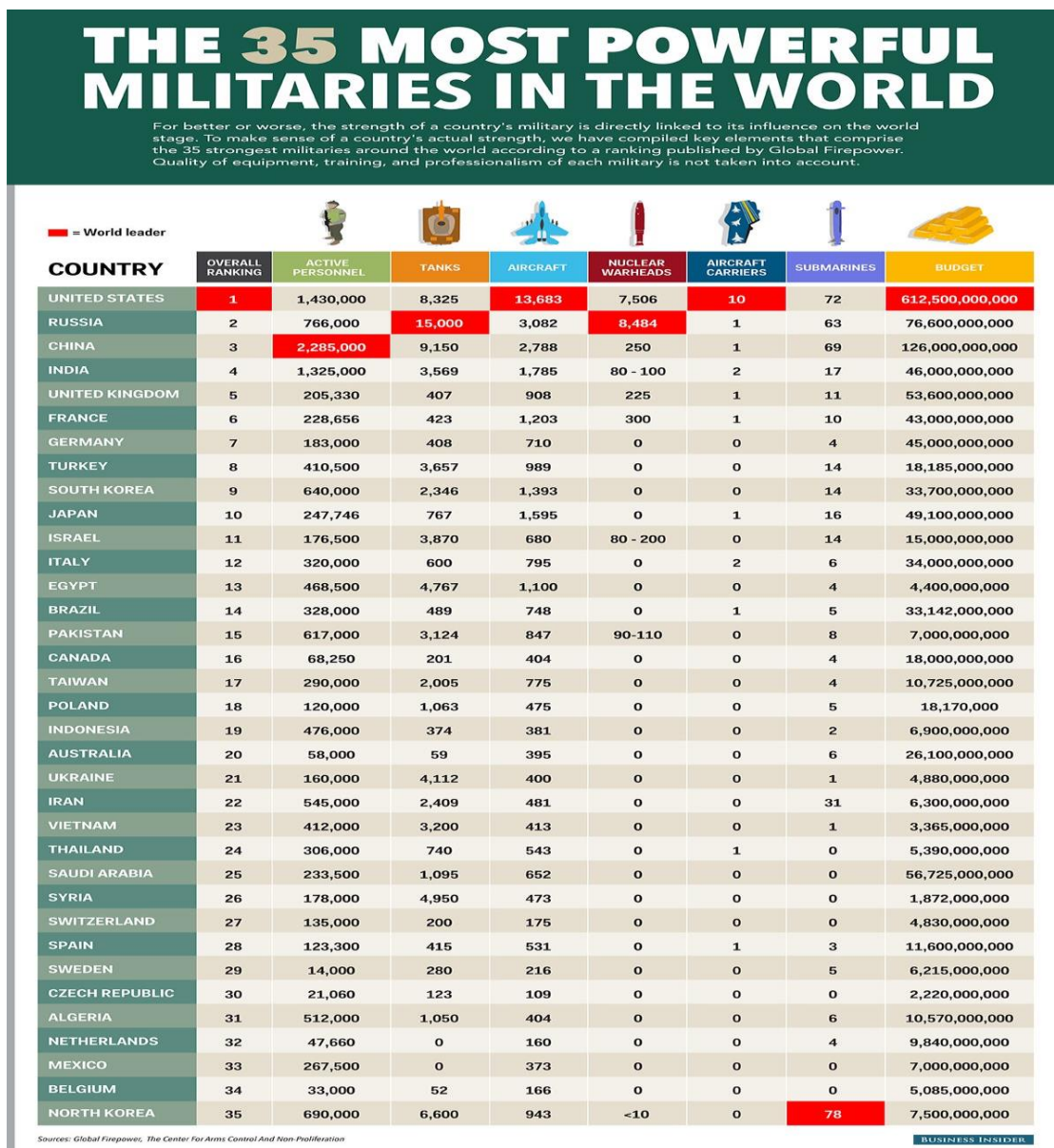


Figura 4 - Forma Bélica dos Países no Mundo
 Fonte: Bender e Gould (2014).

Notamos como a Rússia tem a dianteira do poder bélico no mundo na frente de inúmeros países do mundo, isso resulta no status geopolítico do mundo, colocando esse país como importante na geopolítica global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual século XXI, vemos a guerra da Ucrânia com a Rússia surgir no mundo, para alguns, estamos na proeminência de uma futura terceira Gera Mundial, por estar inserindo inúmeros países do globo. O que percebemos é uma ampliação da OTAN, organismo elaborado na Segunda Guerra Mundial, isso revisita uma preocupação diante das áreas de influência russa.

Assim, demonstra-se que esse país é um dos atores geopolíticos do mundo, apesar do enfraquecimento de sua economia, diante dos demais países do mundo.

Sendo assim, para entendermos o cenário geopolítico do mundo devemos compreender a Rússia, apesar da economia debilitada, ainda continua a ser *soft power* do poder global.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. A teoria geopolítica meridionalista de André Martin, **Revista de Geopolítica**, v. 5, nº 2, p. 5-18, jul./dez. 2014.

BARROS, André Moraes. A INFLUÊNCIA DO EURASIANISMO NO REPOSICIONAMENTO GEOPOLÍTICO DA RÚSSIA NO SÉCULO XXI. **Monografia** (Trabalho de Conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2014.

BENDER, Jeremy; GOULD, Skye. **The 35 Most Powerful Militaries In The World**. 2014. Disponível em <https://www.businessinsider.com/35-most-powerful-militaries-in-the-world-2014-7>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BROW, David. **Guerra na Ucrânia: o ataque da Rússia em mapas**. 2022. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60517760>. Acesso em: 16 ago. 2023.

DA ROSA, Caroline de Oliveira. A geoestratégia de reinserção da Rússia pós-soviética: entre o ocidentalismo e o eurasianismo. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Programa do Curso de Graduação em Relações Internacionais da Uniritte. 2022.

DESAFIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NAS PEQUENAS CIDADES DA AMAZÔNIA, **Geosul, Florianópolis**, v. 35, n. 75, p. 598-622, mai./ago. 2020.

DOS SANTOS, Ana Carla de S. G; DE AZEVEDO, Kellen Denise Guimarães Carlos. GOVERNANÇA TERRITORIAL SOB A PERSPECTIVA DA COESÃO TERRITORIAL, POLICENTRALIDADE E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS REALIZADOS NOS MUNICÍPIOS PRÓXIMOS AO COMPLEXO PORTUÁRIO DO AÇU.

XVI Congresso Iberoamericano de Gestão da Tecnologia. Porto Alegre, 2015. Disponível em <https://altec2015.nitec.co/altec/papers/991.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GUIARRARA, Paloma. Rússia. **Brasil Escola.** 2021. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/russia.htm>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LEIS, Héctor Ricardo; SUAREZ, Marcial Alécio Garcia. Guerra e Paz no século XXI. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 2, n. 2, p. 1-26, 2005.

LOUREIRO, Felipe Pereira. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI-Revista**, n. 1, 2022.

MONTOIA, Gustavo Rodrigo Milaré; DA COSTA, Sandra Maria Fonseca. “A simples necessidade de continuar existindo”: o acontecer solidário e os desafios das políticas públicas nas pequenas cidades da Amazônia. **Geosul**, v. 35, n. 75, p. 598-622, 2020.

MORAES, Cristina de. Formação territorial e Ideologias Geográficas: um olhar sobre o Oeste catarinense entre 1840 a 1930. **Anais. XVI Encontro Estadual de História da ANPUH, Santa Catarina**, 2016. Disponível em http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464654047_ARQUIVO_TrabalhoCompletoCrisMoraes.pdf. Acesso em: 16 ago. 2023.

O GLOBO. **Países da Otan põem tropas de prontidão e planejam deslocar forças para perto da Rússia.** 2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/paises-da-otan-poem-tropas-de-prontidao-planejam-deslocar-forcas-para-perto-da-russia-que-fala-em-histeria-1-25365382>. Acesso em: 01 jul. 2023.

PINHEIRO, Ana; ROMEIRO, Anna; FRANCE, Guilherme; ALVES, Louise; DE OLIVEIRA, Rodrigo; DOS SANTOS, Ruan M. O ontem e o hoje: o processo de transformação da OTAN no pós-Guerra Fria, **CADERNOS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**, v. 6, n. 2, 2012.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos.** Trad. Myrna T. R. Viana. 2 ed, 1 reimp. –São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.